

ENTRE ALGORITMOS E DISCURSOS: LEITURA, AUTORIA E FORMAÇÃO CRÍTICA NA CULTURA DIGITAL

BETWEEN ALGORITHMS AND DISCOURSES: READING, AUTHORSHIP AND CRITICAL EDUCATION IN DIGITAL CULTURE

ENTRE ALGORITMOS Y DISCURSOS: LECTURA, AUTORÍA Y FORMACIÓN CRÍTICA EN LA CULTURA DIGITAL

Maria Alice de Castro Alves¹
Glauce Cristine Martins Tavano²
Larissa Stefani Silva Sousa³

RESUMO: Este artigo analisa as reconfigurações das práticas de leitura e autoria na cultura digital, com foco na mediação algorítmica das plataformas e em seus impactos para a formação crítica na escola. Parte-se do pressuposto de que tais práticas não são neutras, mas constituídas em condições históricas, discursivas e, na contemporaneidade, também tecnológicas. O problema de pesquisa consiste em compreender como algoritmos e plataformas digitais reorganizam os modos de ler e produzir textos e quais desafios isso impõe ao campo educacional. O estudo fundamenta-se em aportes da análise do discurso e dos estudos sobre cultura digital e plataformização, articulando autores como Pêcheux, Bakhtin, Maingueneau e pesquisadores contemporâneos da educação digital. Argumenta-se que a mediação algorítmica condiciona a visibilidade, a circulação e a produção dos discursos, influenciando a construção de sentidos e deslocando as noções tradicionais de autoria. No âmbito educacional, evidencia-se que a incorporação das tecnologias digitais, quando orientada por uma perspectiva instrumental, tende a reproduzir lógicas das plataformas. Conclui-se que a formação crítica na cultura digital exige que a escola problematize as mediações algorítmicas, promovendo uma compreensão das relações entre linguagem, tecnologia e poder.

Palavras-chave: Leitura. Autoria. Mediação algorítmica. Cultura digital. Formação crítica.

ABSTRACT: This article analyzes the reconfigurations of reading and authorship practices in digital culture, focusing on the algorithmic mediation of platforms and its implications for critical education in schools. It is based on the assumption that such practices are not neutral, but constituted under historical, discursive and, in contemporary contexts, also technological conditions. The research problem seeks to understand how algorithms and digital platforms reorganize ways of reading and producing texts, and what challenges this poses to the educational field. The study is grounded in discourse analysis and studies on digital culture and platformization, drawing on authors such as Pêcheux, Bakhtin and Maingueneau, as well as contemporary research in digital education. It argues that algorithmic mediation conditions the visibility, circulation and production of discourses, influencing meaning-making processes and reshaping traditional notions of authorship. In the educational context, it highlights that the incorporation of digital technologies, when guided by an instrumental perspective, tends to reproduce platform logics. The study concludes that critical education in digital culture requires schools to problematize algorithmic mediation, fostering an understanding of the relationships between language, technology and power.

Keywords: Reading. Authorship. Algorithmic mediation. Digital culture. Critical education.

¹Mestre em Linguagens e Letramentos - Profletras/ UNESP-Assis. Doutoranda em Educação - UNIFESP.

²Professora de Educação Básica (SME Mogi das Cruzes).

³Professora de Educação Básica (SME - Mogi das Cruzes).

RESUMEN: Este artículo analiza las reconfiguraciones de las prácticas de lectura y autoría en la cultura digital, con foco en la mediación algorítmica de las plataformas y sus implicaciones para la formación crítica en la escuela. Se parte del supuesto de que dichas prácticas no son neutras, sino que se constituyen en condiciones históricas, discursivas y, en la contemporaneidad, también tecnológicas. El problema de investigación consiste en comprender cómo los algoritmos y las plataformas digitales reorganizan los modos de leer y producir textos, y qué desafíos esto plantea al campo educativo. El estudio se fundamenta en aportes del análisis del discurso y de los estudios sobre cultura digital y plataformización, articulando autores como Pêcheux, Bakhtin y Maingueneau, así como investigaciones contemporáneas en educación digital. Se argumenta que la mediación algorítmica condiciona la visibilidad, la circulación y la producción de los discursos, influyendo en la construcción de sentidos y desplazando las nociones tradicionales de autoría. En el ámbito educativo, se evidencia que la incorporación de tecnologías digitales, cuando se orienta por una perspectiva instrumental, tiende a reproducir lógicas de las plataformas. Se concluye que la formación crítica en la cultura digital exige que la escuela problematice las mediaciones algorítmicas, promoviendo una comprensión de las relaciones entre lenguaje, tecnología y poder.

Palabras clave: Lectura. Autoría. Mediación algorítmica. Cultura digital. Formación crítica.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a intensificação do uso de tecnologias digitais e a consolidação das plataformas como principais ambientes de circulação de informações têm transformado significativamente as práticas sociais de leitura e escrita. Nesse contexto, a leitura deixa de ocorrer apenas em suportes tradicionais e passa a se desenvolver em espaços digitais organizados por sistemas algorítmicos, responsáveis por selecionar, filtrar e hierarquizar os conteúdos que chegam aos usuários. Assim, a cultura digital não se limita à ampliação do acesso à informação, mas redefine as condições de produção, circulação e interpretação dos discursos.

Essa transformação implica reconhecer que a leitura não é uma atividade neutra, mas uma prática social atravessada por diferentes mediações. Nos ambientes digitais, algoritmos de recomendação e ranqueamento interferem diretamente no que se lê, na ordem em que se lê e na visibilidade dos conteúdos, influenciando a construção de sentidos. Da mesma forma, a autoria também sofre deslocamentos, passando a ser orientada por dinâmicas próprias das plataformas, como métricas de engajamento, visibilidade e circulação. Nesse cenário, produzir textos deixa de ser apenas um ato individual e passa a se articular às lógicas técnicas e econômicas que estruturam os ambientes digitais.

No campo educacional, essas mudanças colocam novos desafios para a escola. Embora o uso de tecnologias digitais esteja cada vez mais presente no cotidiano escolar, muitas práticas ainda se concentram em uma perspectiva instrumental, voltada ao domínio técnico das ferramentas. No entanto, torna-se necessário avançar para uma abordagem que considere criticamente as mediações que organizam a leitura e a autoria na cultura digital. Isso envolve

compreender que algoritmos, plataformas e sistemas de inteligência artificial atuam como agentes que influenciam a produção e a circulação dos discursos, impactando diretamente a formação dos sujeitos.

Diante desse contexto, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: como a mediação algorítmica das plataformas digitais reconfigura as práticas de leitura e autoria e quais desafios isso impõe à formação crítica na escola? O objetivo deste artigo é analisar de que modo algoritmos e plataformas digitais reorganizam essas práticas na cultura digital, discutindo suas implicações para a formação crítica e para o trabalho pedagógico. Parte-se da tese de que leitura e autoria, na contemporaneidade, são intensamente moduladas por sistemas algorítmicos que condicionam a visibilidade, a circulação e a produção dos discursos, o que exige da escola uma atuação que vá além do uso instrumental das tecnologias.

Este artigo está organizado em quatro momentos. Inicialmente, discute-se a leitura e a autoria como práticas discursivas. Em seguida, aborda-se a cultura digital a partir da noção de mediação algorítmica. Posteriormente, analisa-se como essas mediações reconfiguram as práticas de leitura e autoria. Por fim, problematiza-se o papel da escola na construção de uma formação crítica frente aos desafios da cultura digital.

2. LEITURA E AUTORIA NA CULTURA DIGITAL: MEDIAÇÃO ALGORÍTMICA, PLATAFORMIZAÇÃO E IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA

3

Compreender a leitura e a autoria como práticas discursivas implica afastá-las de uma visão estritamente individual, técnica ou cognitiva. Nessa direção, Pêcheux M (2014) sustenta que o sentido não está pronto no texto, mas se constitui nas relações entre linguagem, sujeito e história. Ler, portanto, não corresponde apenas a decodificar signos, mas a produzir sentidos em condições sociais e ideológicas determinadas.

Essa perspectiva permite compreender que a leitura não é neutra nem transparente. Os efeitos de sentido dependem das condições de produção dos discursos, dos lugares ocupados pelos sujeitos e das formações discursivas em que se inscrevem. Desse modo, a leitura se configura como prática social e histórica, marcada por disputas simbólicas e por diferentes possibilidades de interpretação (PÊCHEUX M, 2014; MAINGUENEAU D, 2008).

No que se refere à autoria, também é necessário romper com a noção de que escrever corresponde apenas à expressão individual de um sujeito autônomo. Bakhtin M (2011) afirma que todo enunciado se constitui em relação com outros enunciados, sendo atravessado por

múltiplas vozes sociais. Nessa perspectiva, a autoria não se reduz à assinatura de um texto, mas se relaciona ao modo como o sujeito se posiciona discursivamente diante de outros dizeres.

Maingueneau D (2008) contribui para esse debate ao indicar que a autoria deve ser compreendida no interior de determinadas cenas de enunciação, que conferem legitimidade ao dizer e delimitam modos possíveis de circulação dos discursos. Assim, o autor não pode ser pensado fora das condições sociais, institucionais e discursivas que tornam sua fala reconhecível e autorizada.

No contexto da cultura digital, essas práticas assumem novas configurações. A leitura e a escrita passam a ocorrer em ambientes marcados por hipertextualidade, multimodalidade e circulação em rede, o que amplia as formas de acesso, interação e produção textual. Ribeiro AE (2021) e Coscarelli CV (2016) destacam que os letramentos digitais exigem competências que ultrapassam o domínio do código escrito, envolvendo a capacidade de lidar com diferentes linguagens, suportes e formas de organização dos textos.

Dessa forma, leitura e autoria, na contemporaneidade, não podem ser compreendidas apenas a partir da relação entre sujeito e texto. Elas se realizam em ambientes tecnicamente mediados, nos quais os modos de circulação, visibilidade e interação passam a influenciar diretamente a produção de sentidos. É nesse contexto que se torna necessário avançar para a discussão sobre cultura digital, plataformização e mediação algorítmica.

4

A cultura digital pode ser compreendida como um conjunto de práticas sociais, culturais e comunicacionais mediadas por tecnologias digitais, que reconfiguram as formas de produção, circulação e acesso à informação. Lemos A (2013) destaca que essas transformações não se restringem ao campo técnico, mas implicam mudanças profundas nas formas de sociabilidade, interação e construção de sentidos.

No entanto, nas últimas décadas, a cultura digital tem sido marcada pela centralidade das plataformas digitais, que passam a organizar grande parte das interações sociais contemporâneas. Esse fenômeno, denominado plataformização, refere-se à crescente dependência de infraestruturas digitais operadas por grandes corporações, que estruturam a circulação de dados, conteúdos e práticas sociais (VAN DIJCK J, 2016; MATTA CE, et al., 2025).

No campo educacional, a plataformização não se limita à incorporação de ferramentas tecnológicas, mas implica uma reorganização das práticas pedagógicas, da gestão escolar e do trabalho docente. Matta CE, et al. (2025) apontam que a presença das plataformas na educação

básica redefine rotinas escolares, introduzindo lógicas baseadas em desempenho, monitoramento e padronização. Nesse contexto, o uso de tecnologias passa a ser orientado por métricas e indicadores que nem sempre dialogam com os objetivos formativos da educação.

Seki AK, et al. (2025) destacam que esse processo também impacta diretamente o trabalho docente, promovendo formas de controle e intensificação das atividades, além de reduzir a autonomia dos professores na organização do ensino. A mediação tecnológica, nesse sentido, não é neutra, mas está articulada a interesses econômicos, políticos e institucionais que influenciam as práticas educativas.

Além disso, a atuação dos algoritmos constitui um elemento central nesse cenário. Sistemas algorítmicos operam na seleção, organização e recomendação de conteúdos, determinando, em grande medida, aquilo que se torna visível ou invisível nos ambientes digitais. Santaella L (2007) aponta que, na cultura digital, os processos de mediação são cada vez mais automatizados, o que altera significativamente as formas de acesso à informação.

Essa mediação algorítmica interfere diretamente nas práticas de leitura e autoria, uma vez que condiciona os fluxos informacionais e orienta a circulação dos discursos. Como indicam Almeida SC, et al. (2025), o uso de sistemas digitais na educação também levanta questões relacionadas à governança de dados, à privacidade e à regulação do uso das tecnologias, evidenciando a necessidade de uma abordagem crítica sobre o papel dessas ferramentas no contexto escolar.

Ademais, Meireles J (2025) contribui para esse debate ao problematizar a plataformação da educação em termos de colonialismo digital, destacando a dependência de tecnologias desenvolvidas por grandes corporações globais e seus impactos na autonomia dos sistemas educacionais. Tal perspectiva amplia a análise ao evidenciar que a mediação algorítmica não é apenas técnica, mas também geopolítica e econômica.

Dessa forma, a cultura digital contemporânea deve ser compreendida a partir da articulação entre plataformas, algoritmos e práticas sociais, o que exige uma análise que considere as dimensões técnicas, discursivas e políticas desses processos. É nesse cenário que se torna possível compreender de que modo essas mediações reconfiguram as práticas de leitura e autoria.

A centralidade das plataformas digitais e a atuação dos algoritmos produzem deslocamentos significativos nas práticas de leitura e autoria, exigindo que essas atividades sejam compreendidas a partir de novas condições de produção, circulação e interpretação dos

discursos. Nesse contexto, a leitura deixa de ser orientada exclusivamente pela linearidade textual e passa a ocorrer em ambientes dinâmicos, nos quais os conteúdos são organizados por sistemas automatizados.

Santaella L (2007) aponta que a cultura digital introduz formas de leitura fragmentadas, não lineares e altamente dependentes de interfaces técnicas. Essas características alteram o modo como os sujeitos acessam, selecionam e interpretam informações, uma vez que a navegação passa a ser mediada por mecanismos de busca, recomendações e fluxos contínuos de conteúdo.

Nesse cenário, os algoritmos desempenham papel central ao definir critérios de relevância, visibilidade e circulação. Diferentemente dos suportes tradicionais, nos quais a organização dos textos era mais estável, os ambientes digitais operam por meio de sistemas que personalizam a experiência do usuário com base em dados de navegação, preferências e comportamentos. Como indicam Matta CE, et al. (2025), essa lógica reorganiza o acesso à informação, priorizando conteúdos que tendem a gerar maior engajamento.

Essa dinâmica impacta diretamente a produção de sentidos, pois os sujeitos passam a ler dentro de circuitos informacionais parcialmente filtrados. A mediação algorítmica, nesse caso, não apenas facilita o acesso, mas também delimita o universo de textos disponíveis, influenciando as possibilidades interpretativas. Tal processo pode contribuir para a formação de ambientes informacionais restritos, nos quais determinadas perspectivas são reiteradas em detrimento de outras.

No que se refere à autoria, as transformações são igualmente significativas. A produção textual passa a ser orientada por métricas como curtidas, compartilhamentos e alcance, que funcionam como indicadores de visibilidade e reconhecimento. Nesse contexto, escrever deixa de ser apenas um ato discursivo e passa a envolver estratégias de adequação às lógicas das plataformas.

Meireles J (2025) observa que a plataformização da comunicação implica uma reorganização das formas de produção discursiva, na medida em que os sujeitos passam a produzir conteúdos considerando não apenas o interlocutor, mas também os sistemas que regulam a circulação desses conteúdos. Assim, a autoria se desloca para um campo em que o dizer é constantemente tensionado por critérios técnicos e econômicos.

Além disso, o avanço das tecnologias de inteligência artificial introduz novas camadas de complexidade. Almeida SC, et al. (2025) destacam que sistemas automatizados passam a

atuar diretamente na produção de textos, o que desafia concepções tradicionais de autoria. Nesse contexto, emergem formas híbridas de produção, nas quais humanos e sistemas técnicos participam conjuntamente da construção dos discursos.

Do ponto de vista discursivo, essas transformações podem ser compreendidas como alterações nas condições de produção do dizer. Se, conforme Pêcheux M (2014), o sentido é determinado por condições históricas e ideológicas, na contemporaneidade essas condições passam a incluir também as mediações algorítmicas, que interferem na circulação, na visibilidade e na organização dos discursos.

Dessa forma, leitura e autoria, na cultura digital, não podem ser pensadas de maneira dissociada dos dispositivos técnicos que estruturam os ambientes digitais. A mediação algorítmica passa a integrar as próprias condições de produção dos sentidos, o que exige uma análise que considere a articulação entre linguagem, tecnologia e poder. É nesse ponto que se colocam, de maneira mais evidente, os desafios para a formação crítica na escola.

As transformações nas práticas de leitura e autoria, mediadas por algoritmos e plataformas digitais, colocam novos desafios para a escola, especialmente no que se refere à formação crítica dos sujeitos. Se, por um lado, as tecnologias ampliam o acesso à informação e diversificam as possibilidades de produção textual, por outro, introduzem mediações que exigem compreensão e problematização.

No contexto educacional, ainda é recorrente a adoção de tecnologias sob uma perspectiva instrumental, centrada no uso técnico de ferramentas digitais. Almeida MEB e Valente JA (2011) já apontavam que a integração das tecnologias à educação não pode se limitar à sua utilização operacional, sendo necessário considerar suas implicações pedagógicas e formativas. Na contemporaneidade, esse desafio se intensifica diante da atuação dos algoritmos e da lógica das plataformas.

A plataformização da educação tem promovido mudanças significativas na organização escolar e no trabalho docente. Seki AK, et al. (2025) destacam que o uso de plataformas digitais pode implicar processos de padronização, monitoramento e intensificação do trabalho, afetando a autonomia pedagógica e a capacidade de tomada de decisão dos professores. Nesse cenário, há o risco de que a escola passe a reproduzir lógicas externas, orientadas por métricas e indicadores, em detrimento de uma formação crítica e reflexiva.

Além disso, Matta CE, et al. (2025) evidenciam que a presença das plataformas na educação básica redefine práticas pedagógicas e modos de organização do ensino, muitas vezes

priorizando eficiência e desempenho em detrimento da construção de sentidos. Esse movimento pode levar à redução da complexidade do processo educativo, transformando a aprendizagem em um conjunto de procedimentos mensuráveis.

Outro aspecto relevante diz respeito à governança dos dados e à atuação dos sistemas de inteligência artificial na educação. Almeida SC, et al. (2025) apontam que o uso dessas tecnologias envolve questões relacionadas à privacidade, à proteção de dados e à transparência dos sistemas, o que reforça a necessidade de desenvolver uma compreensão crítica sobre o funcionamento dessas ferramentas.

Nesse contexto, a formação crítica na cultura digital deve incluir a compreensão das mediações algorítmicas que estruturam os ambientes digitais. Trata-se de desenvolver não apenas competências técnicas, mas também a capacidade de analisar os processos de seleção, filtragem e circulação de informações. Essa perspectiva se aproxima da noção de letramento digital ampliado, que envolve a leitura crítica dos contextos e das condições de produção dos discursos (RIBEIRO AE, 2021; COSCARELLI CV, 2016).

Do ponto de vista discursivo, essa formação implica possibilitar que os sujeitos compreendam as condições em que produzem e interpretam textos, reconhecendo a atuação de dispositivos técnicos na organização dos sentidos. Assim, a escola assume um papel fundamental na problematização das relações entre linguagem, tecnologia e poder, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de atuar de maneira crítica nos ambientes digitais.

Dessa forma, mais do que incorporar tecnologias ao cotidiano escolar, é necessário promover uma educação que permita aos estudantes compreender e questionar as lógicas que estruturam a cultura digital. Isso implica deslocar o foco do uso instrumental para uma abordagem crítica, que considere os impactos das plataformas e dos algoritmos na leitura, na autoria e na produção de sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações analisadas ao longo deste artigo evidenciam que as práticas de leitura e autoria, na contemporaneidade, estão profundamente atravessadas por mediações algorítmicas e pela lógica das plataformas digitais. Nesse contexto, a cultura digital não pode ser compreendida apenas como ampliação do acesso à informação, mas como um campo complexo de disputas, no qual se redefinem as condições de produção, circulação e interpretação dos discursos.

Ao compreender a leitura e a autoria como práticas discursivas, foi possível evidenciar que essas atividades não são neutras, mas se constituem em relação a condições históricas, ideológicas e, atualmente, também tecnológicas. A mediação algorítmica passa a integrar essas condições, influenciando diretamente o que se lê, como se lê e sob quais critérios determinados discursos ganham visibilidade.

Nesse cenário, a plataformização emerge como elemento central para compreender as reconfigurações contemporâneas, especialmente no campo educacional. A presença crescente de plataformas digitais na escola não apenas introduz novas ferramentas, mas redefine práticas pedagógicas, reorganiza o trabalho docente e incorpora lógicas baseadas em métricas, desempenho e monitoramento. Tais processos exigem uma análise crítica que considere as implicações dessas transformações para a formação dos sujeitos.

Além disso, o avanço das tecnologias baseadas em inteligência artificial amplia os desafios relacionados à autoria, ao introduzir formas de produção discursiva mediadas por sistemas automatizados. Nesse contexto, a autoria se torna cada vez mais híbrida, exigindo a problematização das relações entre sujeito, linguagem e tecnologia.

Diante desse quadro, a escola assume um papel fundamental na construção de uma formação crítica na cultura digital. Mais do que incorporar tecnologias ao cotidiano escolar, é necessário possibilitar que os estudantes compreendam as mediações que estruturam os ambientes digitais, desenvolvendo uma leitura que inclua a análise dos processos de seleção, filtragem e circulação de informações.

Isso implica deslocar o foco de uma abordagem instrumental para uma perspectiva crítica, que considere a atuação dos algoritmos, das plataformas e dos sistemas de inteligência artificial como elementos constitutivos das práticas sociais contemporâneas. Nesse sentido, a formação crítica envolve não apenas o domínio de ferramentas, mas a capacidade de compreender e questionar as condições em que os discursos são produzidos e circulam.

Por fim, este estudo contribui para o campo da educação ao evidenciar a necessidade de integrar as discussões sobre linguagem, tecnologia e poder na análise das práticas de leitura e autoria. Como desdobramento, aponta-se a importância de pesquisas que investiguem empiricamente como essas mediações se concretizam no cotidiano escolar, bem como as estratégias pedagógicas capazes de promover uma atuação mais crítica e consciente dos sujeitos na cultura digital.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA MEB, VALENTE JA. Tecnologias e educação: currículo e práticas pedagógicas. São Paulo: Paulus; 2011.
- ALMEIDA SCD, et al. Cartografia da inteligência artificial e da proteção de dados na educação básica brasileira. Revista Brasileira de Educação, 2025; 30: e300012.
- BAKHTIN M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes; 2011.
- CHARTIER R. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP; 1999.
- COSCARELLI CV. Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Educação em Revista, 2016; 32(1): 89-110.
- LEMOS A. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina; 2013.
- MAINGUENEAU D. Novas tendências em análise do discurso. Campinas: Pontes; 2008.
- MATTA CE, et al. Impactos da plataformização na educação básica. Educação & Sociedade, 2025; 46: e025001.
- MEIRELES J. Plataformização da educação em tempos de colonialismo digital. Educação e Pesquisa, 2025; 51: e270001.
- PÊCHEUX M. Análise automática do discurso. Campinas: Editora da Unicamp; 2014.
- RIBEIRO AE. Leitura, escrita e tecnologias digitais. São Paulo: Parábola; 2021.
- ROJO R, BARBOSA J. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola; 2015.
- SANTAELLA L. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus; 2007.
- SEKI AK, et al. Educação digital e reconfiguração do trabalho docente no Brasil. Cadernos de Pesquisa, 2025; 55: e255001.
- SELWYN N. Educação e tecnologia: questões críticas. Porto Alegre: Penso; 2017.
- VAN DIJCK J. A cultura da conectividade: uma história crítica das redes sociais. Rio de Janeiro: Zahar; 2016.